CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

# PROGRAMA ALFABETIZAR COM SUCESSO (PAS) NO ESTADO DE PERNAMBUCO: percepções de professoras alfabetizadoras

***Risocleide Aparecida Maria da Silva***[1]

***Eixo temático 1: Alfabetização e políticas públicas***

**Resumo**: O Programa Alfabetizar com Sucesso (PAS) foi implementado, em 2003, no Estado de Pernambuco, visando à melhoria da alfabetização. Neste artigo, de natureza qualitativa, temos como objetivo compreender as percepções de professoras alfabetizadoras sobre o PAS. Para tanto, utilizamos como procedimento metodológico o questionário eletrônico, que foi respondido por cinco professoras alfabetizadoras. Entre os principais resultados encontrados a partir das respostas das docentes sobre o Programa, observamos tanto aspectos positivos, como o planejamento das aulas, quanto negativos, como a reprovação ao final de cada ciclo.

**Palavras-chaves:** Alfabetização; Programa Alfabetizar com Sucesso; Professoras alfabetizadoras.

## Introdução

A língua escrita está presente nos mais variados espaços da sociedade. Todavia, é responsabilidade da escola ensinar sistematicamente a ler e a escrever. Mas, nem sempre foi assim: no Brasil, a instituição escolar só se tornou direito nas duas primeiras décadas do século XX. Mesmo assim, até o ano de 1998, a taxa de pessoas analfabetas no país com mais de 15 anos de idade atingia 14,7%[2], o equivalente a mais de 15 milhões de pessoas.

[1] Mestranda em Educação Contemporânea (PPGEduc) – CAA– UFPE; E-mail: risocleideasilva@gmail.com.

[2]Fonte: Ministério da Educação- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira: Estatísticas sobre Analfabetismo no Brasil, 2014. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2014/03/17/estatisticas-sobre-o-analfabetismo-no-brasil. Acesso em: Setembro/2019.

Segundo Ribeiro e Vilardi (2016), quando nos reportamos ao início dos anos 2000, os dados nos mostram que havia regiões brasileiras mais prejudicadas do que outras, em se tratando da alfabetização, como é o caso do Nordeste. Dentre os estados nordestinos, Pernambuco apresentava uma das taxas mais alarmantes. Em 2002, marcava um percentual de analfabetismo entre os estudantes de 10 a 14 anos de idade de 9% contra 3,8% da média nacional. As pessoas de 15 anos ou mais que não sabiam ler e escrever chegavam à marca de 21,5%, enquanto a média do país estava em 11,8%. Diante desse contexto e buscando reverter tal situação e melhorar a qualidade do ensino, o estado de Pernambuco, por meio da Secretaria de Educação e Cultura (SEDUC), criou o Programa Estadual de Alfabetização, instituído pela Lei nº 12.427 de 25 de setembro de 2003.

O Programa teve como objetivo erradicar o analfabetismo no Estado, tendo como meta a redução da taxa de analfabetos na população de 15 anos ou mais. Para tanto, foi dividido em outros dois programas autônomos: o Programa Alfabetização de Pernambuco, subdividido em Alfabetização Cidadã e Alfabetizar com Sucesso; e o Programa de Correção de Fluxo, mais conhecido como "Se Liga Pernambuco". O então projeto "Alfabetizar com Sucesso", todavia, tornou-se o Programa Alfabetizar com Sucesso (PAS)[3], apresentando a finalidade de assegurar a melhoria do processo de alfabetização (RIBEIRO; VILARDI, 2016).

Assim, este estudo apresenta como objetivo compreender as percepções de professoras alfabetizadoras sobre o Programa Alfabetizar com Sucesso (PAS). Para tanto, inicialmente apresentamos as premissas do Programa e, em seguida, os caminhos metodológicos desta investigação. Por último, tecemos as nossas considerações, ao mesmo tempo em que deixamos algumas questões para serem refletidas.

## Programa Alfabetizar com Sucesso (PAS): entendendo suas premissas

O Programa Alfabetizar com Sucesso (PAS) apresenta duas organizações distintas conforme o período. O seu primeiro desenho ocorreu nos anos de 2003 e 2004, contemplando a antiga 1ª e 2ª séries das escolas da rede estadual de Pernambuco. O segundo desenho do PAS se deu entre os anos 2005 e 2013. Em 2005, ele foi estendido para a rede municipal, havendo adesão de 265 escolas no mesmo ano e chegando em 2013 à adesão de 1253 instituições escolares municipais. Desde o seu novo desenho em 2005, passou a ser um programa de gerenciamento de dados da aprendizagem dos anos iniciais do Ensino

[3] Desde 2019, o PAS cedeu espaço do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental – que compõem atualmente o ciclo de alfabetização vigente – ao Programa Criança Alfabetizada, que passou a atender esse público.

Fundamental (1º ao 5° ano), apresentando três eixos: o Político, o Gerenciamento de Dados e o Pedagógico (RIBEIRO, 2015).

O Político envolve a decisão dos gestores (prefeitos) aderirem ou não ao PAS como política pública educacional. O Gerenciamento de Dados se deu por conta de uma demanda surgida a nível estadual. Em 2005, com o aumento de 52% no número de alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental, foi essencial que o estado de Pernambuco passasse a contar com uma ferramenta de monitoramento. Assim, a Secretaria de Educação de Pernambuco estendeu a parceria com o Sistema Instituto Ayrton Senna de Informação (SIASI), um gerenciamento informatizado de dados (RIBEIRO, 2015).

O eixo Pedagógico do PAS:

> [...] compreende o acompanhamento da prática pedagógica do professor e o aprendizado dos alunos. Está organizado em ações que possibilitam o processo de construção do conhecimento no qual o educando é o protagonista [...] (RIBEIRO; VILARDI, 2016, p. 3).

Em relação a esse eixo, as autoras enfatizam que há quatro pilares: Ciclo de Aprendizagem e Avaliação da Aprendizagem, Fluxo da Aula, Formação Continuada e Visita Pedagógica.

Em relação aos ciclos, existe no PAS: o de alfabetização (formado pelos 1º, 2º e 3º anos) e o segundo ciclo (formado pelo 4º e 5º anos). No caso da Avaliação da Aprendizagem, era necessário que o/a professor/a do PAS fizesse um acompanhamento sistemático do desenvolvimento do/da estudante, visando saber se ele/ela progrediu na aprendizagem. Assim, a reprovação só ocorria se necessário, ao final de cada ciclo, ou seja, no 3º e no 5º anos. O Fluxo da Aula, por sua vez, é uma proposta de expectativas de aprendizagem e conteúdos pensados para o desenvolvimento da prática do/a professor/a (RIBEIRO, 2015).

No que tange à Formação Continuada e à Visita Pedagógica, Ribeiro (2015) destaca que as pautas da primeira estavam em consonância com as prioridades da prática pedagógica do/da professor/a. Eram estruturadas para que a teoria e a prática pudessem estar a serviço da qualidade da educação e aconteciam em dois formatos: fora e dentro do espaço escolar. Quanto à Visita Pedagógica, tratava-se de um momento que acontecia entre equipes do PAS e professores no ambiente da sala de aula, sendo de fundamental importância para o Programa. O objetivo dessas visitas era, sobretudo, o aprimoramento da prática docente.

**Caminhos metodológicos da investigação**

Neste estudo, adotamos uma abordagem de natureza qualitativa, pois é aquela que melhor responde ao nosso objeto de pesquisa. Segundo Minayo (2002), a abordagem qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. No entanto, acreditamos que o conjunto qualidade e quantidade não se opõem, antes se complementam. Por essa razão, também fizemos uso, sempre que necessário, de dados quantitativos.

O procedimento metodológico adotado nesta investigação foi o questionário. Definido por Gil (1999) como “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (p. 128). Os questionários foram disponibilizados de maneira digital e compartilhados virtualmente em grupos de professoras. Os sujeitos participantes desta pesquisa foram 5 (cinco) docentes de redes municipais de ensino, que trabalhavam ou já tinham trabalhado em uma escola atendida pelo PAS. Tais professoras foram identificadas com nomes fictícios: Maria, Joana, Antonieta, Madalena e Dulce. Todas as professoras eram experientes e atuavam do 1º ao 3º ano do ensino fundamental, definido pelo PAS enquanto ciclo de alfabetização.

As perguntas presentes no questionário eletrônico – 16 questões, ao todo – versaram sobre o eixo pedagógico do PAS, pois é aquele mais próximo nas vivências e práticas em sala de aula. Os dados obtidos através do questionário eletrônico foram tratados por meio da análise temática de conteúdo de Bardin (2004).

## Resultados e Discussão

Esse tópico está organizado de maneira que possamos compreender as percepções de professoras alfabetizadoras sobre o Programa Alfabetizar com Sucesso (PAS). Para tanto, reunimos os principais elementos encontrados a partir das respostas ao questionário. Enquanto características positivas do Programa, conforme as docentes, estão: planejamento das aulas e formações comunitárias. Já as características negativas, ou seja, as dificuldades de vivências do PAS na sala de aula apontadas pelas participantes desse estudo, estão: reprovação ao final de cada ciclo e burocracia.

Em relação ao planejamento das aulas, fazem parte dele os temas propostos pelo Programa, assim como os conteúdos, os materiais, as atividades e os direcionamentos para a organização das aulas. Segundo a professora Antonieta, algo positivo do PAS “eram os temas, pois a partir deles tinham várias atividades. A gente passava o mês trabalhando com

cada tema e incluía ele em todas as disciplinas". Na mesma perspectiva, a professora Dulce respondeu que "os conteúdos que vinham eram bons, tinha temas e ideias que ajudavam muito a nossa prática, facilitando o planejamento das aulas". A professora Maria destacou que, "a princípio, o principal aspecto é a organização no planejamento das aulas, onde se obtém um direcionamento através de um fluxo de orientações que é entregue aos professores [...]" (Resposta do questionário eletrônico).

Conforme Ribeiro (2015), esses elementos apontados pelas professoras fazem parte das proposições do Fluxo da Aula, um dos quatro pilares do eixo pedagógico PAS. Neste pilar, além da divisão de eixos, conteúdos e habilidades, são sugeridas situações de ensino que subsidiam o professor na elaboração de planejamento e de situações didáticas, voltadas para os estudantes desenvolverem e consolidarem as habilidades necessárias para cada ciclo de aprendizagem. Quanto a esse aspecto do planejamento das aulas, todas as cinco docentes consideraram uma característica positiva do Programa.

Sobre as formações comunitárias, essas fazem parte das Formações Continuadas propostas pelo PAS. Tais formações, que intitulamos de "comunitárias", eram realizadas pelas coordenadoras que moravam na comunidade e não por pessoas externas. Para a quase totalidade das alfabetizadoras (4 de 5), esse aspecto foi descrito como positivo. Conforme aponta a professora Madalena,

> Acontecia uma vez mensal, onde era falado sobre os níveis de aprendizagem e sobre as dificuldades dos alunos. Tinha tanto as capacitações com profissionais de fora que traziam novos métodos de ensino, quanto com as coordenadoras da cidade e sinceramente com as coordenadoras eu achava muito mais rico, pois tinha a troca de experiências com os meus colegas professores e eu me sentia mais à vontade.

Na mesma perspectiva, a professora Dulce destacou: "eram boas, às vezes cansativas, com coisas que a gente já sabia. Quando era com as coordenadoras do colégio eu achava melhor do que com os formadores de fora". De acordo com Gatti (2003), ao tratar sobre cursos de formação continuada, "os conhecimentos adquirem sentido ou não, são aceitos ou não, incorporados ou não, em função de complexos processos não apenas cognitivos, mas socioafetivo e culturais" (p. 192). Neste sentido, levando em conta que as professoras fazem parte de grupos sociais de referência, é justificável a opção delas pelas formações com pessoas da própria comunidade.

O caráter burocrático presente no Programa foi descrito como uma característica negativa para 4 das 5 docentes, como pontuou a professora Antonieta:

> [..] eu achava muito burocrático, muita papelada que, a meu ver, não tinha

> importância. Por exemplo, tinha uma chamada que ficava na parede, que tinha que marcar com vermelho, amarelo ou verde. Se o aluno estivesse faltado era vermelho, amarelo se estivesse doente e verde se estivesse presente. Sendo que tínhamos que fazer duas chamadas, essa e a do diário. Eu achava desnecessário.

Na mesma perspectiva, a professora Maria expressou: “havia fichas a serem preenchidas, folhas de frequência e desempenho de alunos, uma série de exigências... Se não conhecer o Programa, você acaba fazendo o trabalho pela metade, por não compreender o que se pede!” . Partindo da visão das professoras, o PAS possuía muitas exigências. Essa “burocracia” citada pelas docentes faz parte da proposta de avaliação da aprendizagem do Programa.

A reprovação apenas ao final de cada ciclo (3º e 5º ano) também não pareceu agradar às professoras. Notamos, a partir de suas respostas, que esse elemento ganhou destaque unânime como sendo o principal aspecto negativo do Programa. A professora Antonieta assim pontuou: “não contribui em nada, é o principal aspecto negativo. Isso é um crime, aprovar o aluno sem ele saber. Não tinha nota, era por conceito, só que, por exemplo, se o aluno estivesse ruim em alguma coisa, não podia botar, não tinha essa opção, só tinha o mais ou menos”.

Dessa maneira, percebemos que a reprovação apenas ao final de cada ciclo é vista enquanto característica negativa do Programa e, na mesma direção da resposta de Antonieta, a professora Madalena apontou:

> Eu acho errado, primeiro porque a responsabilidade pela aprendizagem daquele aluno geralmente recai mais nos professores do terceiro e quinto ano; segundo, porque, como não pode reter o aluno que não consegue atingir determinado aprendizado, o coitado acaba indo para o ensino fundamental 2, muitas vezes, sem nem saber escrever os nomes de animais e isso vai prejudicar ele ao longo de toda sua trajetória escolar, porque o professor que trabalha por hora aula não tem tempo de parar para alfabetizar aquele aluno.

Há vários elementos presentes na fala da professora Madalena. Ela chama atenção para o fato de que a responsabilidade pela aprendizagem dos/das estudantes recai de maneira mais incidente sobre os/as professores/as dos anos que possuem retenção. Outra preocupação da docente está relacionada à própria aprendizagem dos/as alunos/as, apontando o fato de muitas vezes eles/elas passarem para o ensino fundamental 2 “sem nem saber escrever os nomes dos animais”. Nesse caso, possivelmente estava se referindo ao domínio das habilidades básicas de leitura e escrita.

Na mesma perspectiva, a professora Maria destaca:

> Compreendemos que cada criança tem seu tempo determinado para aprender alguma coisa. Respeito essa afirmação. No meu entendimento, a criança deveria ser reprovada já no 1º ano; se não contempla as atividades de maneira satisfatória, ficaria! Isso implica a prática em sala de aula. Por exemplo: existem casos de alunos que chegam ao 5º ano sem dominar a leitura e escrita de maneira fluente, onde no 3º ano já era pra esse aluno ter contemplado essas habilidades. Então o professor tem que se virar nos "30" para fazer com que esse aluno seja alfabetizado, o que torna o trabalho em sala de aula bem complicado. Portanto, esse é um ponto negativo no Programa.

Barreto e Souza (2004) indicam que os ciclos têm a ver com a intenção de regularizar o fluxo de estudantes ao longo da escolarização, a fim de assegurar que todos possam cumprir os anos de estudo previstos para o ensino obrigatório, sem interrupções e retenções que inviabilizem a aprendizagem efetiva e uma educação de qualidade. Trata-se, portanto, de uma política maior no nosso país, não sendo exclusiva do Programa Alfabetizar com Sucesso, embora constitua parte de suas premissas. Desse modo, as professoras alfabetizadoras participantes deste estudo não reconhecem a importância da não retenção até o final de cada ciclo. Acreditamos que esse fato se dá ao apego ao sistema seriado e também à própria vivência na prática, que, na visão delas, não funciona da melhor forma, gerando impactos ao trabalho docente e também às aprendizagens dos estudantes.

## Considerações finais

Em relação ao Programa Alfabetizar com Sucesso (PAS), compreendemos que, na perspectiva das professoras alfabetizadoras, há características positivas (planejamento das aulas e formações comunitárias) e negativas (reprovação apenas ao final de cada ciclo e burocracia). A partir das respostas das professoras participantes deste estudo, percebemos que elas possuem opiniões incisivas sobre o PAS, o que demonstra que essas profissionais podem até seguir as orientações do Programa, mas não ocupam o papel de meras consumidoras/reprodutoras dele. Com isso, não estamos romantizando, nem passando vista grossa em certas posições das professoras, mas enfatizando a necessidade de escutarmos essas profissionais e de fazermos suas falas, opiniões e inquietações serem objeto de debates constantes na formulação e na melhoria das políticas educacionais.

.

Para concluir, apontamos algumas inquietações provenientes do estudo que desenvolvemos: em que medida as professoras alfabetizadoras são ouvidas pelos implementadores de programas voltados para a alfabetização? A que ponto as opiniões e os

posicionamentos dessas docentes são levados em consideração? É possível construirmos uma educação de qualidade sem levar em conta o que pensam e fazem as profissionais que estão no chão da escola, cotidianamente? Que possamos seguir refletindo sobre essas e outras questões, ao passo que não nos falte fôlego para lutar por elas.

**Referências**

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARRETO, Elba Siqueira de Sá; SOUZA, Sandra Zákia. Estudos sobre ciclos e progressão escolar no Brasil: uma revisão. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 11-30, jan/abr. 2014.

GATTI, B. Formação continuada de professores: a questão psicossocial. **Cadernos de Pesquisa**, n. 119, p. 191-204, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 21.ed. Petrópolis/RJ. Editora Vozes, 2002.

RIBEIRO, Claudia. **Programa Alfabetizar com Sucesso- programa de acompanhamento dos anos iniciais da rede pública de Pernambuco: a avaliação do município de Condado.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Caed, *Programa de Pós-graduação profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública*, 2015.

RIBEIRO, Claudia; VILARDI, Luísa Gomes de Almeida. **Programa Alfabetizar com Sucesso:** um olhar sobre os eixos articuladores. Anais do 14º Congresso Internacional de Tecnologia na Educação, Recife, 2016.